

## **VIDA E OBRA DE HILMA AFKLINT: invisibilidade feminina no campo da arte**

**KEURYN PINTO MIRAPALHETA<sup>1</sup>; CLARICE REGO MAGALHÃES <sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [keurnmirapalheta0@gmail.com](mailto:keurnmirapalheta0@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [maga.clarice@gmail.com](mailto:maga.clarice@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Hilma af Klint foi uma artista que, apesar de ter sua relevância hoje comprovada, teve suas obras invisibilizadas na época em que viveu e produziu. A História da Arte, construída majoritariamente sob uma perspectiva masculina, privilegiou nomes de artistas como Kandinsky, Malevich e Mondrian como pioneiros da abstração, relegando ao silêncio a produção de mulheres que, como Hilma, já exploravam linguagens não figurativas no final do século XIX e início do XX. Esse processo de apagamento reflete um cenário histórico em que as mulheres artistas enfrentavam barreiras institucionais, sociais e culturais, sendo muitas vezes excluídas das Academias de Belas Artes ou limitadas a gêneros artísticos considerados “menores”, como retratos domésticos ou flores (NOCHLIN, 1971).

No caso de Hilma af Klint, o apagamento foi duplo: por um lado, pela condição de gênero em uma sociedade patriarcal que não reconhecia plenamente a produção feminina; por outro, pela natureza espiritualista de sua arte, que a afastava dos padrões acadêmicos da época. Sua aproximação com a teosofia, o espiritismo e a antroposofia resultou em uma obra marcada pela busca do invisível, pela simbologia e pelo diálogo entre arte e ciência, fatores que não encontraram espaço em uma historiografia que privilegiava as vanguardas formais. Como aponta Pinheiro (2020), o silêncio em torno de sua produção também foi consequência da própria escolha da artista, que determinou que suas pinturas não fossem exibidas até 20 anos após sua morte, revelando uma consciência da incompreensão de seu tempo.

Somente décadas mais tarde, seus trabalhos foram revisitados e reconhecidos como pioneiros na arte abstrata, revelando uma estética singular, não representativa e profundamente inovadora. Nesse sentido, refletir sobre a trajetória de Hilma af Klint significa também discutir a marginalização das mulheres na história da arte e repensar os critérios de legitimação que determinaram quais artistas seriam lembrados e quais seriam esquecidos, e com isso o objetivo deste trabalho é discutir a marginalização das mulheres na história da arte por meio da pesquisa da artista Hilma para não houver a repetição na atualidade. A abordagem feminista da história das mulheres artistas, neste trabalho é desenvolvida a partir de ARAÚJO (2015), CHADWICK (2019), NOCHLIN (2019), POLLOCK (2019) e SILVA (2018).

### **2. METODOLOGIA**

Esse trabalho tem abordagem qualitativa, com estruturas exploratória e bibliográfica para compreender o tema central da trajetória de Hilma af Klint no século XIX, e assim trazer o tema da marginalização das mulheres na história da arte com embasamento teórico em referências bibliográficas de autoras mulheres sobre a artista.

As pesquisas bibliográficas envolveram a análise de livros e artigos, que trazem esse enfoque da Hilma af Klint e as discussões acerca da marginalização das mulheres com base em autores como Linda Nochlin (1971), referência nos estudos sobre a invisibilização feminina nas artes, e Pinheiro (2020), que problematiza o silêncio histórico em torno da obra da Hilma.

Também houve uma análise do catálogo do centro Georges da Pompidou que exibiu em 2008 uma exposição chamada “traços do sagrado”, onde foi possível compreender melhor contextualização dos tempos recentes para inserir no debate os temas como abstração e espiritualidade na arte moderna.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este trabalho surgiu no âmbito da disciplina de História da Arte III do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPEL, com o objetivo de apresentar à turma, os conceitos e as obras de Hilma af Klint. A pesquisa, ao se aprofundar na vida da artista, trouxe à tona reflexões sobre a solidão feminina no meio artístico, marcada pelo anonimato e pela exclusão das mulheres em espaços formais de ensino, como as Academias de Belas Artes, historicamente voltadas para os homens.

O diálogo constante entre a arte espiritualista de Hilma af Klint e a pintura tradicional onde talvez possa explicar por que a história da arte a negligenciou como uma das pioneiras da abstração. Fica claro que sua busca pela teosofia e pela representação do invisível antecedeu, inclusive, investigações semelhantes realizadas por artistas como Piet Mondrian, o que a coloca hoje como uma das pioneiras da abstração. Mesmo sem ter participado ativamente dos movimentos abstratos de seus contemporâneos, Hilma construiu uma estética singular, não representativa, fruto de uma busca interior e de uma linguagem plástica própria.

A obra de Pinheiro (2020), que apresenta a vida e a morte da artista, discutindo sua relação com arte, ciência e espiritualidade, permitiu compreender como Hilma af Klint se destacou não apenas pela inovação formal de suas obras, mas também pela profundidade filosófica, espiritual e religiosa de sua produção, explorando cores e formas de maneira inédita em seu tempo.

No campo das artes visuais, a historiografia tradicional privilegiou majoritariamente nomes masculinos e suas contribuições, relegando as mulheres ao silêncio ou à prática artística em espaços privados. Nesse contexto, Hilma af Klint, artista sueca do século XIX, foi uma das primeiras mulheres a se projetar no campo da arte abstrata. Suas obras permaneceram ocultas do público por mais de 40 anos após sua morte, carregando forte conteúdo espiritual, herança das crenças de sua família, que despertaram nela um interesse duradouro pela teosofia.

Em 1882, Hilma ingressou na Academia de Belas Artes de Estocolmo, onde se destacou em retratos e paisagens. Posteriormente, fundou o grupo “De Fem” (“As Cinco”), formado por mulheres artistas com quem realizava sessões de desenho mediúnico, acreditando estar em contato com entidades espirituais. A partir de 1887, Hilma começou a desenvolver um vasto vocabulário visual abstrato, registrado em mais de duzentos diários, nos quais explora símbolos, formas e cores de caráter transcendental.

### **4. CONCLUSÕES**

A trajetória de Hilma af Klint permite compreender e questionar critérios que revelam a marginalização feminina na área da história da arte e como as estruturas socioeconômicas contribuíram para o silenciamento de sua produção. Sua obra,

fortemente marcada por elementos espiritualistas e por uma linguagem plástica inovadora, rompeu com os modelos acadêmicos de sua época, antecipando discussões estéticas que viriam a ser valorizadas décadas depois de sua morte por outros artistas.

O estudo bibliográfico evidenciou que a invisibilização de Hilma af Klint não foi um caso à parte, mas sim um de milhares de casos que ocorreram sobre a marginalização das mulheres no campo artístico, conforme discutem autoras como Linda Nochlin (1971) e Pinheiro (2020). Nesse sentido, resgatar sua trajetória é também um exercício de revisão crítica na história da arte, possibilitando o questionamento sobre o lugar das mulheres no meio artístico.

Portanto, trazer à tona e refletir sobre a obra e vida de Hilma af Klint significa reconhecer a invisibilidade e apagamento que aconteceu com as mulheres ao longo da história, e permite que possamos contemplar diferentes perspectivas e experiências artísticas, por isso trazemos essas questões para a área acadêmica dando visibilidade para as histórias que não deveriam ser esquecidas. A pintora Hilma não apenas recupera o lugar que lhe foi negado, mas trás a importância de evitarmos que processos de exclusão semelhantes se repitam na contemporaneidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, S. Mulheres: Outsiders na História da Arte. **XII Congresso Nacional de Educação**. Paraná, 2015.

CHADWICK, W. História da arte e a artista mulher. In: CARNEIRO, A; MESQUITA, A; PEDROSA, A. **História das Mulheres, Histórias Feministas: Antologia**. São Paulo: MASP, 2019, p. 151-170.

NOCHLIN, L. Como o feminismo nas artes pode implementar a mudança cultural. In: CARNEIRO, A; MESQUITA, A; PEDROSA, A. **História das Mulheres, Histórias Feministas: Antologia**. São Paulo: MASP, 2019, p. 72-80.

PINHEIRO, L. **A vida de Hilma af Klint: as cores da alma**. Brasil: Editora Ground, 2019.

POLLOCK, G. A modernidade e os espaços da feminilidade. In: CARNEIRO, A; MESQUITA, A; PEDROSA, A. **História das Mulheres, Histórias Feministas: Antologia**. São Paulo: MASP, 2019, p. 121-146.

POMPIDOU. **Hilma af Klint Pionnière de l'art abstrait**. Center Pompidou, França, 2008. Acesso em 28 de agos. 2025. Disponível em: <https://www.centrepompidou.fr/fr/offre-aux-professionnels/enseignants/dossiers-ressources-sur-lart/naissance-de-lart-abstrait/hilma-af-klint>

RIELLY, M. Ativismo curatorial: resistindo ao masculinismo e ao sexismo. In: CARNEIRO, A; MESQUITA, A; PEDROSA, A. **História das Mulheres, Histórias Feministas: Antologia**. São Paulo: MASP, 2019, p. 433-443.

SILVA, L. Mulheres/Artistas na História da Arte: A busca pelo reconhecimento e visibilidade. **Caderno de Cultura e Ciência**. v.17, n.1, p. 52 – 63, 2018.  
NOCHLIN, 1971.